

# Alteridade simbólica e representação étnica

*Stella Montalvão Ferraz*

---

*Afinal, o que é um papa, um presidente ou um secretário-geral, senão alguém que se toma por um papa ou um secretário-geral ou, mais exatamente, pela Igreja, pelo Estado, pelo partido ou pela nação? A única coisa que o distingue do personagem de comédia ou do megalômano é que geralmente ele é levado a sério e lhe é reconhecido o direito a essa espécie de impostura legítima.*

PIERRE BOURDIEU

Na literatura brasileira, o homem negro já freqüentou diferentes narrativas e foi foco de diversas representações. Pode-se afirmar que a identidade da raça negra, identidade como “esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros”<sup>1</sup>, vem sendo construída, na literatura e fora dela, a partir do olhar do dominador num processo flagrante de valoração negativa.

Esta análise do processo de valoração negativa do negro, presente no conto “Eu, um homem correto”<sup>2</sup>, de Murilo Carvalho<sup>3</sup>, pretende desvelar, a partir de uma perspectiva baseada nos conceitos de *poder simbólico* e *violência simbólica* de Pierre Bourdieu, a forma pela qual o dominador constrói a representação de si mesmo e, por contraposição, constrói a representação do dominado, outorgando-se, assim, a autoridade necessária para o exercício da violência simbólica. Essa autoridade simbólica permitirá ao dominador não só falar pelo dominado, mas traçar definições dele próprio e do outro que se tornam “naturais”, tornando a violência simbólica dificilmente perceptível.

É importante destacar que a construção da identidade, nessa perspectiva, consiste em uma luta pela possibilidade de classificar e classificar-se. Assim, no processo de construção da identidade, seja ela regional ou étnica, toda busca de critérios objetivos para classificação supõe uma prática social em que estão envolvidas representações mentais e objetivas que passam pela

percepção, apreciação e reconhecimento como estratégias de *manipulação simbólica*, que visam determinar a representação que os outros devem ter dessas propriedades e de seus portadores, ou melhor, qual o valor que devem ter essas propriedades no mercado dos bens simbólicos. Esse processo, baseado no valor atribuído aos bens simbólicos, e definido a partir do capital simbólico desejável, visa legitimar a dominação.

“Eu, um homem correto” é um conto em que se evidencia, quase que didaticamente, como se constrói essa representação e as possíveis implicações desse processo. A história é narrada em primeira pessoa por um vendedor que viaja de uma cidade do interior para outra. No ônibus, ele observa os demais passageiros e fixa-se em dois: a “professorinha”, objeto de seu desejo<sup>4</sup>, e o “negro”, objeto de seu desprezo. A partir das suas “percepções”, conclui que o homem negro está sexualmente interessado na professora. Quando o homem negro desce no mesmo ponto em que ela desce, ele deduz que aquele pretende violentá-la e convence os passageiros a interromper a viagem e procurá-lo. O desfecho é previsível: o negro é linchado e morto, mesmo depois da aparição da professora. Destacam-se, então, duas perguntas cruciais que, colocadas pelo texto, são questões que o extrapolam: Por que essas pessoas participam de um linchamento a partir de uma desconfiança de um único homem? E por que acabam por matar o homem negro, apesar do surgimento de provas que o inocentam?

As respostas a estas perguntas estão no processo de valoração negativa do negro a partir das marcas de distinção historicamente construídas. A distinção deste em relação aos demais do grupo e, em especial, em relação ao narrador, estabelece um campo de forças em que o homem negro fica à mercê da violência simbólica justificada. Assim, sua voz é “legitimamente” seqüestrada e suas possibilidades de defesa neutralizadas.

### **As marcas de distinção**

O processo de construção da diferença entre o narrador e o personagem negro é protagonizado pelo “homem correto”: ele se apresenta como a materialização da ordem e limpeza algo obsessivas. No entanto, quase imediatamente somos levados a perceber a diferença entre o que ele diz de si mesmo, reafirmando sua identidade, e o que ele realmente é: sua obsessão pela limpeza não o impede de limpar seus sapatos sujos na colcha da cama do hotel em que está hospedado, justificando que “desse jeito a dona da pensão era obrigada a mandar lavá-la” (EHC, 58)<sup>5</sup>. Esse processo se repetirá durante todo o conto: os comportamentos que critica nos outros e especialmente no

homem negro são pelo narrador praticados e justificados. É de se questionar: O que faz dele *um homem correto* e, portanto, dos demais, homens incorretos?

Ele se define como alguém que segue as convenções: respeita horários, veste guarda-pó para evitar a poeira da estrada, traz ternos para cada ocasião, acredita no Brasil. Ao mesmo tempo, revela suas contradições: lê rabiscos em portas de mictório, masca palitos de dentes e os cospe no chão, faz associações escatológicas: “Abriu-se a porta com um sonoro chiado que me fez lembrar um peido.” (EHC, 61). Observa cuidadosamente todos os passageiros e retira conclusões pelas aparências. Identifica e identifica-se com os passageiros sobre quem tece considerações, mas não se envolve. A passagem comprada na véspera, mencionada diversas vezes no texto, diferencia-o dos demais.

A primeira menção do narrador ao homem negro é rápida e displicente: “Um pouco longe dela, no mesmo banco, um negro”.(EHC, 62). O narrador volta sua atenção para o negro novamente quando este “inclinava-se para o lado e procurava olhar melhor a professora” (EHC, 63). E afirma: “Achei esquisito” (EHC, 63). O que haveria de esquisito na atitude do homem negro, já que o próprio narrador acabara de fazer o mesmo? O que tornava, a seu ver, seu comportamento plenamente aceitável e esquisito o do homem negro? Neste momento já se estabeleceu uma diferenciação básica entre o narrador e os demais passageiros. Mas sua diferenciação em relação ao negro é sentida, com certeza, como mais profunda.

Em seguida, o narrador descreve uma ação do homem negro: ele ajuda prontamente duas mulheres que entram no ônibus com bolsas e sacolas. E completa: “Enquanto ele ajeitava as bolsas, notei que não desgrudava os olhos da professorinha...” (EHC, 63). Sendo assim, o narrador insinua o que seria o motivo de tanta gentileza por parte do homem negro: poder observar melhor a professora.

O narrador compartilha o pretenso interesse do negro pela professora com seu companheiro de banco, descrito como “bom companheiro de viagem”. Este é claramente do mesmo grupo social que ele e se define pelas mesmas percepções. Destaca-se a afirmação do narrador: “Não que ele tivesse preconceitos, como eu também nunca os tive, mas o negro estava até descalço” (EHC, 63). Surge assim o motivo alegado pelos dois para suas conclusões de que “essa gente nunca sabe o seu lugar” (EHC, 63). “Essa gente”, é claro, são aqueles que não se vestem conforme as convenções, andam até descalços! O que se omite aqui é evidente: as diferenças socioeconômicas entre eles e o homem negro. O que aparece como falta de gosto ou de “competência cultural” serve apenas para mascarar a real diferença e atribuir ao homem negro a

“culpa” pela sua declarada inadequação ao momento e ao lugar em que se encontra.

A cada movimento da professora, a cobiça do narrador se revela. “Com o movimento o vestido subiu um pouco, mostrando até mais em cima, um pedaço *deslumbrante* de coxas claras. Eram pernas *lisas e certas* e pareciam *rijas* como boa madeira de lei” (EHC, 63)<sup>6</sup>. Ele afirma que “O negro estava de olho. Eu não podia ver-lhe os olhos, mas pude adivinhar muito bem a gula que ia por eles” (EHC, 63). O que o coloca em condições de perceber *gula* nos olhos que ele não vê? Evidentemente, é a sua própria gula projetada na atitude do homem negro. Gula que ele entende como legítima para ele, mas espúria no que se refere ao negro.

Uma nova marca de distinção se estabelece, em seguida, no momento em que o cobrador cobra as passagens: o narrador apresenta sua passagem “reservada com boa antecedência” (EHC, 63) enquanto o homem negro paga sua passagem com “um dinheiro amassado e ensebado, quase a conta certa.” (EHC, 63). Novamente, tem-se a idéia de que o homem negro está deslocado, pois quase não tinha dinheiro para pagar sua passagem. Além disso, o narrador introduz, a partir da expressão “dinheiro ensebado”, uma idéia que já permeava sua própria descrição: a sua constante ordem e limpeza se contrapõem à sujeira do homem negro.

Essa contraposição entre limpeza e sujeira é, a partir desse momento, bastante explorada: o negro tem as unhas do pé pretas e gretadas e, ao olhar as mãos dele, o narrador confirma o que já esperava encontrar: as mãos do homem negro tinham unhas tão sujas e pretas quanto os pés. E vai mais longe: “Seus hábitos, seu coração” (EHC, 66). Assim, o narrador aprofunda essa marca de distinção, que deixa de ser aparência para transformar-se em comportamento: o negro passa a ter uma alma tão suja quanto suas mãos. Destaca-se também que seu companheiro, a partir do julgamento do narrador, apressa-se a verificar suas próprias unhas. Ao que o narrador comenta: “As unhas dele estavam cortadas e limpas, eu já havia notado isso, senão não teria comentado. Eu também olhei para as minhas unhas, embora soubesse que elas estavam limpas, lustrosas, curtas e sem cutículas, como sempre” (EHC, 66). Evidente, assim, a hipocrisia com que o narrador se refere à limpeza das unhas: sabe de antemão que as suas e as de seu companheiro estão limpas o que permite a ele traçar nova distinção em relação ao homem negro.

Em seguida, um novo movimento da professora não permite mais que suas coxas sejam vistas pelo narrador. A partir desse momento, a atenção do narrador se volta totalmente para o homem negro, que se levanta para falar

com o motorista, mas, segundo o narrador, “tinha os olhos postos na professora” (EHC, 67). A agitação do homem negro o incomoda: “O diabo do negro não parava quieto” (EHC, 67), pois o negro levanta-se algumas vezes, “como se estivesse tentando reconhecer onde o ônibus estava passando” (EHC, 67). O narrador detém-se na descrição do homem negro cuja representação é “naturalmente” construída em termos negativos - deformação, aproximação com o animalesco, doença e falta de caráter estão implícitas na descrição que o “homem correto” faz dele: “A boca nascia de um beijo grosso, pendente, roxo, e acabava num outro beijo menor, tão curto que quase encostava no nariz. E o nariz era mais chato que o normal dos negros, e bem perto da narina esquerda tinha um calombo avermelhado que me fez lembrar em bernes. Os olhos eram de quem bebe muito, amarelados, estriados de sangue. Um negro feio mesmo” (EHC, 67).

Estabelecida uma distinção profunda entre ele e o negro, o “homem correto” pode cochilar. Sonha com a professora, diz querer pensar no seu rosto e cabelos, mas só lhe vêm “as imagens das coxas dela, brancas, rijas, de pegar e morder como cana madura. E eu fiquei cochilando, pescando meus lambaris, enquanto ia mordendo, mordiscando leve e leve as macias coxas da professorinha” (EHC, 67).

A saída da professora o desperta: “Parou um instante no degrau superior da porta e eu notei que sua bunda bem feita estava na altura dos olhos do negro que disfarçava e olhava pela janela” (EHC, 67). Assim, enquanto ele mesmo olha para a “bunda bem feita” da professora, novamente projeta no homem negro sua própria cobiça. A saída intempestiva do homem negro, em seguida, no mesmo ponto em que desce a professora, é o fato de que o narrador precisava para confirmar suas suspeitas.

Neste momento as representações do “homem correto” e do “negro” já estão estabelecidas: a ordem, a disciplina, a limpeza, a elegância e a previdência, bens simbólicos de grande valor no contexto social em que ambos se encontram, confirmam a superioridade daquele em relação ao outro. O que se realizou, na verdade, foi um “ato de magia social”<sup>7</sup>: ato pelo qual se cria uma realidade a partir da nomeação dela. Mas esse ato só se realiza se o enunciador possuir uma autoridade simbólica construída a partir do capital simbólico que esse detém. Tem-se então que, a cada distinção, o “homem correto” acumula bens que o autorizam a traçar novas distinções que o colocarão em posição cada vez mais favorável, posto que elas se entrelaçam, formando uma estrutura que torna imperceptível sua característica de objeto construído. A construção dessa estrutura é fundamentada, portanto, no discurso performativo e está

diretamente ligada ao poder simbólico, pois a “eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio ato de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: a fórmula ‘eu autorizo-vos a partir’ só é eo ipso uma autorização se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar”<sup>8</sup>.

As marcas de distinção assim constituídas, segundo Bourdieu em *Distinction – a social critique of the judgement of taste*, fundamentam-se no culto e na cultura da pessoa que determina propriedades pessoais exclusivas, únicas e originais que incluem “idéias pessoais”, “estilo pessoal” e, acima de tudo, “opinião pessoal”<sup>9</sup>.

Um outro elemento que é interessante destacar é o aspecto simbólico que a professora pode assumir: cobiçá-la poderia representar o desejo de se apropriar das marcas de distinção que o sistema educacional pode proporcionar? Nesse sentido, negar qualquer possibilidade do homem negro almejar esse “bem” não seria confirmar “o seu lugar”: o daquele que não possui competência política (e social) para exercer autoridade, incluindo-se aí a autoridade para definir a sua própria identidade?

### **Autoridade e violência simbólica**

A autoridade que o “homem correto” conquista a partir da sua distinção se revela na possibilidade do discurso performativo que

não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste<sup>10</sup>.

Portanto, a autoridade que o “homem correto” se outorga depende essencialmente de se reconhecer e ser reconhecido pelos seus pares: a observação atenta dos passageiros, a escolha de um interlocutor que se assemelhasse a ele marcam a sua necessidade de estar entre os seus. E sendo assim, a presença do homem negro é percebida como uma intrusão num espaço social que não lhe pertence, não só pelo narrador, mas por todos que pertencem ao seu grupo. Destaca-se que o espaço em que se desenrola a narrativa é por definição um espaço público – um ônibus – no qual, *a priori*, todos teriam o direito de permanecer. Dessa forma, fica a pergunta: qual seria o espaço que a raça negra está “autorizada” a ocupar no campo social?

Retomando a narrativa, lê-se que o narrador julga e condena: “Eu sabia uma certeza e não podia acovardar-me” (EHC, 68). Nesse momento, podemos distinguir a construção de uma opinião pessoal, no sentido em que Bourdieu a

discute em *Distinction – a social critique of the judgement of taste*: fundamentada em uma propensão para o individualismo ou egoísmo própria da pequena (e grande) burguesia, reforçada pelo sistema educacional, propensão esta que surge da necessidade do pequeno burguês de identificar-se com aqueles que têm os meios para afirmar a unicidade de sua pessoa em todas as suas práticas ou de ser, pelo menos, por eles reconhecido. Essa busca de reconhecimento está na origem da prática expressa pelo conceito de “regras são regras” que se traduz no texto pela afirmação de que ele é “obedecedor, dentro das leis, no rigor de todos os preceitos” (EHC, 68).

O narrador segue então em busca de seus pares: os demais passageiros vão sendo convencidos por ele: “De repente muita gente falava e todos acusavam, diziam, todos tinham suas certezas” (EHC, 68). Certezas essas que são uma extensão da certeza do “homem correto”: uma busca de também marcar suas próprias opiniões pessoais, definindo-se como pertencentes a uma classe social e distinguindo-se das demais. Assim, o narrador, ao afirmar “ter uma certeza” e buscar o apoio dos demais, está se declarando detentor de um poder simbólico entendido como

um poder (econômico, político, cultural ou outro) que está em condições de se fazer reconhecer, de obter o reconhecimento, ou seja, de se fazer ignorar em sua verdade de poder, de violência arbitrária. A eficácia própria desse poder exerce-se não no plano da força física, mas sim no plano do sentido e do conhecimento<sup>11</sup>.

Mas é preciso, ainda, que o “homem correto”, portador de um capital simbólico reconhecido por seu grupo, diferencie-se dos demais ao mesmo tempo em que se estabelece uma relação de cumplicidade para que ele possa assumir o papel de porta-voz:

O princípio do poder das palavras reside na cumplicidade que se estabelece, por meio delas, entre um corpo social encarnado num corpo biológico, o do porta-voz autorizado, e corpos biológicos socialmente moldados para reconhecer suas ordens, mas também suas exortações, suas insinuações ou suas injunções<sup>12</sup>.

Assumindo o papel de porta-voz, o “homem correto” coloca o poder simbólico que ele próprio se outorga em evidência: “Eu já sabia o que nos competia fazer, *a nós homens decentes e civilizados, com um pingo que fosse de moral*. Aí eu sugeri que voltássemos, que fôssemos depressa, a professorinha em perigo, o negro nojento” (EHC, 68)<sup>13</sup>. E reforça sua “argumentação” com a retomada dos traços de distinção que fazem do negro alguém “fora do seu lugar”: “as escuras unhas de gretas, o pé descalço, o dinheiro amarrotado na palma da mão, o beijo roxo, os olhos riscados de

vermelho, o calombo na cara” (EHC, 69).

Estabelecido um clima favorável a sua proposta, basta que o narrador assuma o comando: “Aí então me encheu o saco e eu resolvi comandar. Mandei virar o ônibus e voltar. O motorista, meio assustado obedeceu, enquanto todos os passageiros aprovavam e em suas caras ia-se formando o ódio” (EHC, 69). Seu poder sobre o grupo se revela agora na possibilidade de *fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade*<sup>14</sup>. Agora são “eles” contra o “outro”.

O processo de construção de um espaço propício para a violência simbólica, representada no texto pela criação de uma representação do homem negro que o diferencia dos demais e o desvaloriza profundamente, desemboca facilmente na intolerância e na violência física. A volta do ônibus é descrita como a caça a um animal perigoso. A valoração negativa do homem negro se aprofunda: ele perde sua condição de ser humano. Encontrado o homem negro, não há possibilidade de comunicação entre elementos que carregam representações tão diferenciadas: a “fera perigosa” e os homens decentes. Gritos de ódio, cultivados pela violência simbólica que os justifica, precedem a violência física. O homem negro tenta fugir, mas, acuado, também grita: grito de impotência.

Neste momento da narrativa, o narrador já se retirou da ação: é “mero espectador” da cena que construiu: o homem negro que grita enquanto o espancam, a professora que surge sã e salva e o negro que continua gritando até ser morto por “aquele feroz grupo de homens”. Até o final, o narrador marca sua diferença: ele não participa do linchamento, quer fazer parecer que não pertence a esse grupo que age ferozmente. No entanto, o fato de ver a professora, saber que o homem negro é inocente e, apesar disso, não interferir, é revelador: a morte do homem negro é o ponto extremo no exercício do poder simbólico, a possibilidade de deixar viver ou morrer. Ao linchamento moral a que o homem negro foi submetido, segue-se “naturalmente” o linchamento físico.

### **A voz seqüestrada**

O delineamento progressivo das marcas de distinção, que dá ao “homem correto” a possibilidade de se outorgar uma autoridade simbólica, exige que a narração ocorra em primeira pessoa, o que permite ao narrador apresentar sua versão dos fatos em detrimento de outras. Cada uma das marcas de distinção se encaixa “naturalmente” em um todo que é construído aparentemente da forma mais fidedigna possível pelo narrador.

A questão que se coloca, portanto, é saber quão confiável é esse narrador. A cada momento, aparentemente sem se dar conta, o narrador se desmente, mostra suas contradições. É como se o fato de se autonegar “um homem correto” bastasse para que suas palavras fossem encaradas como a mais pura verdade. Assim, diante de um narrador em quem não se pode confiar, pode-se concluir que tudo que o homem negro faz é “recontado” parcialmente, pois há claramente uma “interpretação” de cada movimento do homem negro no sentido de compor um retrato “coerente” com as marcas de distinção.

Isso fica ainda mais evidente no momento em que o narrador conclui que o homem negro vai atacar a professora: “A porta fechou chiando seu ar comprimido e eu tive uma certeza. Como um relâmpago, como um tiro, como um tombo. Esse negro ia fazer das suas e a professorinha era que era” (EHC, 67). Destaca-se que o narrador se expressa como se sua conclusão tivesse sido súbita, obviamente uma tentativa de “ludibriar” o leitor, fazendo-o crer que essa idéia surgiu em sua mente naquele exato instante. No entanto, essa idéia vem sendo construída durante toda a narrativa: é facilmente perceptível que o narrador busca alinhar “justificativas”, através das marcas de distinção por ele destacadas.

Ressalte-se que a fala do homem negro não é registrada em nenhum momento. Embora o narrador afirme querer ouvir as conversas dele com o motorista e justifique essa impossibilidade com o fato de o homem negro falar em voz baixa, fica a dúvida: pela descrição da disposição das pessoas dentro do ônibus, apenas um banco separava o narrador do motorista. Seria realmente impossível ouvir a conversa do homem negro com o motorista ou é conveniente ao narrador não registrá-la?

Porém, aprofundando ainda mais essa análise, o mais relevante talvez fosse perguntar: se quaisquer das falas do homem negro tivessem sido devidamente registradas, elas seriam decisivas para determinar sua inocência? Diante de tantas marcas de distinção já estabelecidas, que confiabilidade teriam as palavras dele? Afinal, o próprio motorista que conversou com ele se deixa convencer das más intenções do negro pelos argumentos do narrador.

Além disso, destaca-se o fato de que o homem negro não tem possibilidades de defesa, posto que não sabe do que está sendo acusado. Ao ver os homens que gritam, sua reação é desviar-se do ônibus que o persegue e fugir. Outra questão surge nesse momento: por que ele não os enfrenta, por que ele não os olha de frente, por que se sente tão intimidado a ponto de fugir? Fica evidente que seu papel já está predeterminado: não lhe cabe perguntar o

que está ocorrendo, já que ele sabe de antemão que sua voz não será ouvida. Considerando o discurso como um produto sujeito à avaliação,

Quando falamos, produzimos um produto, um produto que, em certo aspecto, é um produto como outro qualquer, portanto, destinado a estar sujeito não só à interpretação, mas também à avaliação. (...) Concretamente, isso significa que, quando produzo um determinado discurso, preocupo-me mais ou menos com o efeito que ele vai produzir naquele a quem me dirijo. *A antecipação do preço que meu discurso receberá ajuda a determinar a forma e o conteúdo dele, que será mais ou menos tenso, mais ou menos censurado, às vezes até o ponto de ser anulado – é o silêncio da intimidação*<sup>15</sup>.

O que desvaloriza a sua fala aos olhos do próprio homem negro a ponto de ele “optar” pelo silêncio da intimidação? Aquele que está em posição dominada, imerso em um contexto social que lhe é adverso, acaba por internalizar a própria representação que dele faz o dominador, representação vista, assim, como “natural”, estruturando relações de poder no campo social de tal forma que o dominado passa a assumir uma posição subalterna e, muitas vezes, defender essa posição. Nesse sentido, não se quer aqui “culpar” a raça negra, atribuindo a ela a responsabilidade pelo processo de constante valoração negativa a que é submetida. O que se quer destacar é que ambos - dominador e dominado – acabam por compartilhar das mesmas representações sociais, posto que

os agentes sociais e os próprios dominados estão unidos ao mundo social (até mesmo ao mais repugnante e revoltante) por uma relação de cumplicidade padecida que faz com que certos aspectos deste mundo estejam sempre além ou aquém do questionamento crítico. É por intermédio dessa relação obscura de adesão quase corporal que se exercem os efeitos do poder simbólico. A submissão política está inscrita nas posturas, nas dobras do corpo e nos automatismos do cérebro<sup>16</sup>.

E é a partir desse compartilhar de representações construídas que o discurso do homem negro não encontra espaço. O “homem correto” posiciona-se como um narrador fiel aos fatos, mas sua descrição aproxima o homem negro a um animal acuado, retirando-lhe sua própria condição de ser humano e sua possibilidade de expressão. E a dor de que padece aquele que é colocado à margem da sociedade expressa-se nos gritos que a ninguém interessam, posto que são vistos como insignificantes. A violência simbólica, construída durante todo o percurso daquela viagem e da existência dessas personagens em seu meio social, revela-se e torna-se palpável na violência física “justificada”.

Dessa forma, pode-se concluir que o narrador constitui-se não só como porta-voz do seu grupo, mas também como um porta-voz às avessas da raça

negra, pois toma “legitimamente” a voz de todo um grupo que, marginalizado, não pode se fazer ouvir. Não foi escolhido por ele, não o representa, mas é o narrador quem nos apresentará o homem negro, suas características e comportamentos e, mais do que isso, seus pensamentos e seus sentimentos mais íntimos.

Assim, seria preciso estender esse questionamento à validade de se construir uma representação étnica a partir de uma visão externa a essa etnia. Dominadores que falam pelos dominados são o retrato da nossa literatura e da nossa história oficial. Nesse contexto, surge o debate sobre a falta de textos de autoria negra que reflitam sua própria história, que tragam sua própria voz. E, por outro lado, emerge outra questão: em que medida o autor negro pode se contrapor às representações sociais nas quais está imerso e representar verdadeiramente sua raça?

Enfim, falta apenas destacar que, certamente, esse processo que leva à supressão da voz do marginalizado não se restringe à questão da raça negra ou de qualquer outra: onde houver diferenças sociais haverá uma construção da inferioridade do dominado a partir de uma pretensa superioridade do dominador. Afinal, quem poderá se utilizar da palavra e nomear o mundo, senão o dominador? O que pode fazer o dominado, se sua impossibilidade de se fazer ouvir é construída como se fosse sua própria falta: falta de preparo, falta de competência, falta de relevância? E assim, quem serão os porta-vozes daqueles a quem não é permitido ter voz, a não ser aqueles mesmos que a roubaram?

## Notas

Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no VIII Congresso da ABRALIC (Belo Horizonte, 2002).

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 117.

<sup>2</sup> CARVALHO, Murilo. “Eu, um homem correto”, em *Raízes da morte*. São Paulo: Ática, 1977.

<sup>3</sup> Murilo de Carvalho (1947-). Desde 1974, trabalha como repórter, viajando pelo interior de diversos estados brasileiros. Militante em movimentos sociais, escreveu outras obras. Entre elas, um livro de contos baseado na vida de bóias-frias – *A cara engraçada do medo* (1978) e outro sobre as lutas no campo: *Sangue da terra* (1980).

<sup>4</sup> Este trabalho não se propõe analisar o processo de construção da identidade feminina, mas considera-se relevante destacar a possibilidade de se estender o presente estudo ao processo de valoração negativa da mulher, evidente também neste conto.

<sup>5</sup> Todas as referências ao conto estão identificadas pela sigla EHC, seguida da página em que consta o trecho.

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> Ver BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.107-132.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.116.

<sup>9</sup> Ver em BOURDIEU, Pierre. *Distinction – a social critique of the judgement of the taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984, p.414

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 117.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico – a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000, p. 60.

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico – a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000, p.61.

<sup>13</sup> Grifo nosso.

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.116-117.

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico – a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000, p.53.

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico – a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000, p. 60.